

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano V — Número 55

Julho de 1967

## A IGREJA E O EVANGELISMO

**J**EM-SE descrito a Igreja como «um corpo cuja vida é o Espírito de Jesus. É um grupo de homens e mulheres semelhantes a Cristo, aos quais o Espírito Santo chamou, esclareceu e iluminou mediante a pregação da Palavra; são animados a olhar para diante, para um futuro glorioso, preparado para o povo de Deus, e entretanto manifestam a sua fé em toda a espécie de trabalho missionário em favor dos seus companheiros crentes... O seu segredo é o segredo companheirismo com Jesus».

Por conseguinte, uma igreja genuína não pode deixar de ser viva. Revelar o espírito de Jesus significa seguir o Seu exemplo. «O Espírito do Senhor é sobre Mim», disse Ele, «pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor».

«Ide... e pregai o Evangelho», ordenou Ele, e eles foram e «pregaram por todas as partes cooperando com eles o Senhor».

«É fazendo o trabalho de Cristo que a Igreja tem a promessa da Sua presença — porquanto tomar o Seu jugo é uma das primeiras condições para receber o Seu poder. A própria vida da Igreja depende da sua fidelidade no cumprimento da comissão do Senhor. Negligenciar o Seu trabalho é certamente o mesmo que buscar a fraqueza e a decadência espirituais. Onde não existe trabalho activo em benefício dos outros, o amor diminui e a fé desaparece».

Há muitas maneiras de trabalhar para Cristo, especialmente onde estiver a ser realizada uma série de conferências evangélicas — pois em tais ocasiões cada membro tem oportunidade de brilhar nas actividades missionárias. Mesmo os que não têm capacidade para distribuir literatura ou tomar parte em alguns dos muitos métodos de fazer propaganda, podem produzir uma grande influência para o bem, assistindo a todas as reuniões. Se tão somente os membros pudessem imaginar o bom efeito que a sua presença produz sobre os novos interessados, nunca perderiam uma reunião. E esse bom efeito não se limita aos interessados, mas chega também a comunicar-se ao pregador, que fica animado e inspirado ao ver que a Igreja está orando por ele e tomando parte nas mesmas actividades, ao seu lado. Ele sabe que pode contar sempre com a ajuda dos membros na ocasião de cantar, aumentando o número de vozes.

Ganhar almas não é trabalho só do ministro ou evangelista. A parábola dos talentos claramente indica o facto de termos todos de ser chamados a prestar contas a Deus de tudo quanto tivermos feito ou deixado de fazer.

Salomão tinha uma vinha de que cuidar e auxiliares para colaborar com ele. Para ele um milhar, e para cada um dos seus auxiliares, duzentos. (Cantares de Salomão 8:11 e 12).

O Senhor assemelha a Sua Obra a uma vinha em que o Seu povo trabalha. Assim, Salomão bem pode representar o ministro, que deve pro-



# «PURIFICAI-VOS»

por André C. Fearing

— Mas que direi eu a meus filhos, quando me perguntarem: «Porque é que o papá já não prega?»

Dizendo isto, tremia como varas verdes, e não pôde conter as lágrimas. Esse bem sucedido pastor e evangelista pecara contra a castidade. Acabava agora de devolver-nos as credenciais. Seu semblante apresentava um quadro de remorso e agonia, à medida que, a cada momento, mais se penetrava do que isso significava: a perda

---

duzir em harmonia com a sua alta e santa vocação, assim como de acordo com a sua preparação, ao passo que os auxiliares, com menos cultura e oportunidade, se bem que também devam produzir alguma coisa, deles não se espera tanto como daqueles.

É facto provado que aqueles que são ganhos para a verdade pelos esforços pessoais dos membros da Igreja se tornam também membros de confiança — em virtude do testemunho do povo de Deus, o qual pode remover todo o preconceito e qualquer dúvida. Desta maneira, o ministro do Evangelho encontra em tais interessados um auditório de ouvintes bem preparados para escutar a Palavra de Deus.

«Naquele dia», quando Jesus vier receber os talentos, quão grande será a alegria, ao ouvi-l'O dizer: «Bem está, bom e fiel servo... entra no gozo do teu Senhor».

L. D. VINCE

de tudo o que mais estimava na vida — a plena confiança e felicidade dos seus queridos, e o serviço à igreja que tanto estremejava.

Coisa terrível é o pecado! Não vale a pena! Não compensa!

Há no mundo algumas mulheres que parecem deleitar-se em grangear as atenções e o afecto de uma pessoa proeminente. São inteligentes em providenciar circunstâncias, planejar associações e sugerir amizades mais íntimas. Que tragédia uma pessoa perder a sua capacidade de julgar, a lealdade à sua família, o seu senso de pecado, e baquear perante um estratagemma do maligno!

O pecado afigura-se tão convidativo, tão fascinante, tão encantador e necessário à felicidade, no momento, ou no futuro imediato! Mas, depois de cometido, apresenta-se amargo, não deixando após si senão malefício, fealdade e sofrimento. Não, o pecado não compensa!

Tenho perante mim uma carta de dezoito páginas, da esposa de um antigo ministro que se desencaminhou. É evidente que muitas lágrimas acompanharam o escrever dessas páginas. Aquela esposa implora auxílio. Diz que muitas vezes desperta alta madrugada, e ouve o murmúrio da oração do marido no quarto contíguo, pleiteando com o Senhor, a que o restituia ao ministério. Diz ela, na carta: «Ele daria a própria vida em troca de voltar a pregar. Deus perdoou-lhe. Os membros da igreja perdoaram-lhe. Não haverá um meio que lhe permita voltar à Obra que ama tão estremecidamente?»

A carta foi respondida com toda a simpatia, boa vontade e compreensão, mas não nos foi possível dar à irmã muita esperança de que o marido fosse restaurado à posição anterior, como dirigente na Igreja de



Deus. Um homem que sirva de porta-voz de Deus, aconselhando a pureza de vida, tem que ser ele mesmo um exemplo (I Tim. 4:12). A influente posição daquele homem viciara-se. Podia, porém, continuar a ser uma testemunha do seu Salvador, como activo e fiel membro leigo.

«As tentações especiais de Satanás são dirigidas contra o ministério. ... Procura ... com toda a sua habilidade induzi-los a pecar, sabendo que o seu cargo torna o pecado neles mais excessivamente maligno; pois, pecando, tornam-se eles próprios ministros do mal». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 124.

Sejam quais forem as responsabilidades de alguém na Obra do Senhor, quer seja professor de Bíblia, quer pastor, quer presidente de campo ou evangelista, ele deve ser puro. «Lave as mãos», é a primeira ordem ao trabalhador braçal; «lave a alma», é a necessidade do obreiro espiritual. Os ministros são vasos escolhidos para o serviço de Deus, e têm de ser puros, livres de toda a espécie de poluição, para levar uma sagrada e santa mensagem.

«Aqueles que lidam com as coisas sagradas, dirige-se a solene recomendação: 'Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor.' Isa. 52:11. De todos os homens, devem ser os mais circunspectos em palavras e acções, os que têm sido honrados pelo Senhor, aqueles a quem tem sido confiado um serviço especial para realizarem. Devem ser homens de devoção que, mediante obras de justiça e palavras puras, verdadeiras, possam erguer o semelhante a um nível mais elevado; homens que não sejam abalados por qualquer passagem tentação; homens firmes e fervorosos em seus designios, cujo mais alto objectivo seja ganhar almas para Cristo». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 124.

A esposa de certo ministro que viaja muito, e portanto passa muito tempo fora de casa, perguntou-lhe um dia:

— És alguma vez tentado?

— Ora, disse ele surpreendido, tu nunca antes me perguntaste isso!

— Bem, voltou ela; mas és tentado?

— Não! respondeu ele, pensativo. E eu digo-te o motivo. Há duas razões: Primeira, quando estou fora de casa, lembro-me do nosso amor e felicidade mútuos — amor puro, doce, limpo e belo. E então penso na minha volta ao lar, onde me darás as boas-vindas afectuosas. Minha segunda razão é a seguinte: Pela graça e poder de Deus,

em volta da minha vida levanta-se o baluarte do Evangelho. Ambas essas influências são uma âncora para minha alma. Não posso cometer a impiedade de pecar contra o meu lar e contra o meu Deus.

Seja a nossa oração diária: Ó Deus, conserva-me puro. Possa o meu amor por minha esposa e família tornar-se dia a dia mais profundo e mais forte. Abençoa-me com a capacidade de demonstrar apreço, amor e compreensão no lar. Cultiva em mim a repugnância pelo pecado. Habilita-me a erguer-me acima das sedutoras tentações de Satanás. Concede que pelo Teu poder eu possa adquirir força de vontade, fortaleza moral e nobreza de carácter. Possa eu adornar minha alta vocação com verdadeiro amor e paixão pela pureza de pensamento, de palavras e actos. É o que sinceramente Te suplico!

## Conselhos

Sílvia Patrícia

Quando a vida sentires mansa e boa,  
E a ventura de flores te cercar,  
Fala! — para que o Bem que em ti se aninha  
Possa outras almas consolar.

Quando cantar em ti uma alegria,  
Quando um sonho de luz te iluminar,  
Fala! — para que o Sol que em ti refulge,  
Em outros corações vá rebrilhar.

Mas quando em fel, o mal e a injustiça  
Vierem os teus dias amargar,  
Cala bem fundo o teu tormento  
— Nunca o procures partilhar.

Dá o teu bem, dá o teu riso,  
Tua riqueza, tua crença, teu amor...  
Mas guarda, com o ciúme dos avaros,  
Teu desespero e tua dor!...



# Os Cinco Níveis da Actividade Mental

por Warren F. Murdoch

«E O MENINO crescia e Se fortalecia, em espirito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele».

Mediante estes poucos vislumbres de Jesus é-nos mostrado o supremo e excelente exemplo do verdadeiro conhecimento. Sendo que a sabedoria é uma das características que assemelham a Cristo, existem os colégios adventistas do sétimo dia para nos estudantes estimular o desenvolvimento desta característica, bem como de outras; e os professores cristãos devem ser exemplos viventes para os alunos.

O ensino não substitui a aprendizagem; a instrução do professor não substitui o período do estudo do aluno. Uma pessoa estudiosa estudará e aprenderá, esteja ou não na aula. Mas uma boa escola com bons professores, ajudar-lhe-á a fazer estudos mais eficientes e a alcançar melhor êxito. Em minha própria experiência como estudante e professor de química, resultou-me útil considerar cinco níveis de actividade mental para um estudante cristão.

O primeiro nível de actividade mental poderá ser comparado ao nível de um gravador. Na etapa em que o aluno começa a frequentar a escola primária necessita de decorar os números, as letras do alfabeto e a ortografia das palavras, bem como as tabuadas e muitas outras coisas.

Baseado nestes factos memorizados, o aluno é rapidamente conduzido a um segundo nível de actividade mental, que poderá ser considerado como o nível da máquina de calcular. Por exemplo o estudante aprende algumas regras a fim de poder recorrer às coisas decoradas das tabuadas de multiplicar números de dois ou mais algarismos.

Tais regras compreendem o emprego de coisas decoradas para se encontrarem respostas e perguntas simples. Tal como a máquina de calcular, o estudante poderá determinar o produto de muitos pares de números em adição aos das tabuadas de multiplicar, que foram decoradas. Talvez sem percebê-lo, aprende de maneira análoga que certos sons orais são representados por determinadas letras ou combinação de letras. Com elevado grau de exactidão aprende a pronunciar as palavras pelas sílabas e a soletrar vocábulos segundo a sua pronúncia. As regras gramaticais compreendem a união de palavras para expor ideias. A esta altura da actividade mental podemos considerar que o estudante está começando a pensar. Desta maneira ele é guiado a desenvolver máquinas de calcular mentais para os vários assuntos académicos.

Nos anos mais adiantados e na escola secundária orienta-se o aluno a integrar estas várias máquinas de calcular num terceiro nível de actividade mental. Este terceiro nível de actividade mental poderá ser considerado como o nível do computador. A essa altura resolvem-se alguns problemas muito mais complexos. Consideremos o processo mental para resolver-se um problema de Álgebra, de Física, do curso secundário. Depois de recebidos os factos referentes ao problema, deverá o estudante resolver que processo da máquina de calcular aplicar, e então seleccionar os factos pertinentes ao gravador, para mentalmente trabalhar na solução do problema.

Os notáveis computadores electrónicos de hoje em dia constam de três partes similares — um componente que armazena muitos



factos decorados, um segundo componente formado de processos para manipular factos decorados, e um terceiro componente para receber problemas e manejar o emprego dos outros dois componentes. Depois de considerar electrónicamente as partes de um problema, o computador emprega os processos necessários à manipulação dos factos decorados e seleccionados a fim de chegar a uma conclusão. Pelo facto de um computador poder imitar alguns processos da mente humana, é chamado cérebro electrónico ou mecânico.

Como professores temos de levar os estudantes a desenvolver computadores mentais de preferência a simples gravadores mentais. «É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam seres pensantes e não meros reflectores do pensamento de outrem» — *Educação*, pág. 17.

Não basta que o estudante cristão desenvolva um excelente computador mental. Consideremos um computador que tenha recebido dados concernentes ao incremento do cancro pulmonar e à magnitude do hábito de fumar, e que tenha dado respostas relacionando o hábito de fumar com o cancro do pulmão, para serem usadas como ajuda para melhorar a saúde pública. Suponhamos que esse mesmo computador tivesse recebido dados referentes aos gostos e hábitos dos cidadãos no tocante à bebida, dando respostas com o objectivo de ajudar os fabricantes de cerveja em seu comércio de bebidas alcoólicas. O computador não estava moralmente correcto, nem moralmente incorrecto ao resolver o primeiro ou o segundo problema. Não teve oportunidade de escolher o seu trabalho. Iniciou o trabalho quando o operador pôs a máquina em funcionamento, e trabalhou unicamente na solução dos problemas apresentados pelo operador. Não tinha liberdade de escolher os problemas nos quais «pensar», nem tinha vontade.

Por outro lado o estudante tem vontade para escolher o que fazer com a sua mente. Este exercício da vontade corresponde ao quarto nível da actividade mental.

Qual é o factor que exerce influência no exercício da vontade? E o que induz o indivíduo a uma ou outra escolha? A consciência é um factor influente.

«A consciência é a voz de Deus que se ouve no meio do conflito das paixões humanas» — *Testimonies*, Vol. 5, pág. 120.

«Iluminada pela graça divina, a consciência seria rápida e pura, controlando a vontade e os desejos, e conduzindo à fraqueza e integridade em cada acto da vida». — *Ibidem*, pág. 408. Creio que esta comunhão com Deus é o quinto e supremo nível da actividade mental.

O Espírito Santo é enviado para ajudar-nos a desenvolver todos os níveis da actividade mental. Nas últimas instruções que Jesus deu a Seus discípulos, prometeu: «Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito». S. João 14: 26. «Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há-de vir». S. João 16:13.

Notemos a relação existente entre professor e estudante. O Espírito Santo ensinará e guiará. Mas a fim de que Ele tenha alguma coisa para fazer-nos lembrar, devemos seguir sábiamente a verdade. O gravador mental já deverá ter recebido alguma coisa.

Poderemos alegar que, em vista de Deus tratar directamente connosco através da mente, somos obrigados a praticar bons hábitos de saúde. Devemos fazer todo o possível para evitar que um corpo doente interfira nos nossos processos mentais. De modo que devemos preocupar-nos de alimentar o nosso corpo e a mente de tal modo que possam desenvolver-se de maneira sadia.

Na escola e durante os anos posteriores o estudante desenvolve continuamente os cinco níveis da actividade mental. E o estudante cristão desenvolve o quarto nível da actividade mental exercitando a vontade em conselho com o Espírito Santo. David revelou correcta atitude para com o desenvolvimento do quinto nível ao orar: «Cria em mim, ó Deus um coração puro, e renova em mim um espírito recto».

A escola adventista do sétimo dia provê não só um excelente clima académico para o desenvolvimento dos primeiros três níveis da actividade mental, mas também um óptimo clima social e espiritual para o desenvolvimento dos cinco níveis. Actualmente o mundo necessita de estudantes cujo preparo abranja não só três quintos, mas os cinco quintos da sua mente. — *The Journal of True Education*, Março de 1965.



# Profecias que não se Cumpriram

por Roy F. Cottrell

Há alguns dias, um amigo pediu-nos a opinião sobre os acontecimentos ocorridos no Oriente Médio vistos à luz das Escrituras. Nessa ocasião lembrámo-nos de que, por mais dum século, as repetidas crises que eclodiram em terras bíblicas levaram muitos a perguntar se acaso determinadas profecias de Ezequiel, Daniel e João estavam em processo de cumprimento, ou mesmo estavam acabando de cumprir-se. De tempos a tempos, algumas pessoas têm-se sentido impulsionadas a predizer, com base em sua interpretação de passagens das Escrituras, o rumo que tomarão os acontecimentos e o papel que diversas nações irão desempenhar. Todos falharam.

Com isto não queremos qualificar de actividade inútil a leitura cuidadosa dos escritos proféticos. Longe disso! Estamos profundamente convencidos de que Deus deseja que Seus filhos, quer individual quer colectivamente, se dediquem como nunca ao estudo fervoroso de Sua vontade e propósitos revelados.

Ao mesmo tempo cremos que as predições que não se cumpriram constituem contudo advertência contra o perigo e a tentação de assumir alguém o papel de profeta e prognosticar o rumo que tomará a crise do Médio Oriente. Uma coisa é estudar diligentemente a palavra dos profetas com o objectivo de apreender o seu significado; outra bem diferente é arvorar-se alguém em profeta e fazer aplicações específicas aos pormenores não revelados de uma profecia não cumprida.

Algumas partes de certas profecias são tão claras que não pode haver incerteza quanto ao seu significado. Neste caso é nosso privilégio e dever proclamá-lo abertamente. Não obstante, outras partes estão veladas pela obscura simbologia oriental e pela linguagem enigmática. As passagens escriturísticas que comumente se invocam em apoio de uma ou outra teoria acerca do curso do futuro dos acontecimentos ocorri-

dos no Oriente Médio pertencem a esta última categoria. Torna-se necessário muito cuidado em sondar o intento da Inspiração a respeito destes pontos, e também ter a maior reserva ao expor a opinião particular.

Há muitos anos, quando líamos os comentários que Adão Clarke fez a propósito dos versículos finais de Daniel 11, ficámos espantados por ver que o famoso comentarista os applicava às operações militares efectuadas pela Rússia, Egipto, Turquia, Inglaterra e França nos países do Mediterraneo oriental em 1820. Descobrimos que outros applicaram estas passagens à campanha levada a efeito por Napoleão no Egipto e Palestina em 1798 e 1799. Posteriormente, outros comentaristas assinalaram a epidemia de revoluções que convulsionaram a Europa em 1848 como o começo do Armagedão.

Alguns viram na origem da Guerra Civil dos Estados Unidos o cumprimento de Apocalipse 16:12-16. No entanto, Tiago White escreveu na *Review and Herald* de 21 de Janeiro de 1862 uma advertência contra esta aplicação da profecia. Dizia ele: «Em vista da Guerra Civil do Estado, e da attitude bélica de outras nações, às vezes formula-se esta pergunta: 'Não se está iniciando a batalha do grande dia de Deus Todo-poderoso?'» Prosseguindo, demonstrava extensamente o erro desta interpretação dos acontecimentos contemporâneos. E explicava: «A grande batalha não se ferirá entre nação e nação, mas sim entre a Terra e o Céu».

Nos tempos da guerra entre a Rússia e a Turquia, de 1877 a 1878, Tiago White julgou necessário fazer soar de novo o alarme contra a interpretação dogmática de profecias não cumpridas. «As posições que se tomam com relação à questão do Oriente», advertia na *Review and Herald*, de 29 de Novembro de 1877, «baseiam-se sobre profecias que ainda se não cumpriram. Aqui devemos proceder com muita cautela,... para não re-



movermos os marcos plenamente estabelecidos no movimento adventista. Pode-se dizer que há consenso geral no que toca a este assunto, e que todos os olhares estão voltados para a guerra que agora se desenvolve entre a Turquia e a Rússia, considerando-a cumprimento da profecia [Daniel 11:44 e 45]. ...Qual será, porém, o resultado dessa luta perante as profecias se as coisas não ocorrem como se espera com muita confiança? É assunto que produz ansiedade». Os acontecimentos subsequentes demonstraram a sabedoria destes conselhos.

Novamente, durante os primeiros meses da Primeira Guerra Mundial, algumas pessoas proclamaram que as profecias de Daniel 11 e Apocalipse 16 estavam em fase de cumprimento. O irmão O. A. Tait escreveu no *Signs of the Times* de 18 de Agosto de 1914 o seguinte acerca dessa tendência:

«A violência com que eclodiu esta guerra europeia e a rapidez com que se propaga de uma nação a outra levou muitos a perguntarem: 'É este o começo do Armagedão?'».

«A esta pergunta podemos responder claramente: Não! A guerra do Armagedão ainda não começou. Observar-se-á que na profecia citada a guerra do Armagedão ocorrerá sob o derramamento da sexta das sete últimas pragas, e estas pragas ainda não começaram a cair, como se sabe».

Durante os primeiros episódios da Segunda Guerra Mundial, ocorridos no Pacífico, ocasionalmente lembramo-nos de ter ouvido dizer que este conflito era o Armagedão, ou que culminaria naquela grande batalha. Até agora não ouvimos nenhum prognóstico acerca do estado fervilhante do Oriente Próximo. Confiamos que não se fará nenhum.

Nosso Senhor disse aos discípulos que, ao revelar-lhes certos factos futuros, propunha-lhes que, quando ocorressem, lembrassem Suas predições de que assim aconteceria, e desta forma se confirmasse a fé deles (ver João 13:19; 14:29; 16:4). Poucas semanas depois acalmou-lhes a curiosidade acerca das profecias não cumpridas, dizendo-lhes: «Não vos pertence saber» (Actos 1:7).

A história contemporânea jamais foi guia seguro para a interpretação de pormenores das profecias não cumpridas. Os aconteci-

mentos que se desenvolvem tendem a destacar-se em forma mais exagerada em nossas mentes do que se os considerarmos na perspectiva histórica. De acordo com o que foi dito, afirmamos nossa crença na sabedoria que levou Tiago White a expressar preocupação e advertência no que respeita à interpretação dogmática de passagens obscuras da profecia. Resistamos à tentação de aparentar saber mais do que o que está claramente escrito. Evitemos ser enganados pelos faúlhas do nosso próprio fogo.

---

## Sublime Amor

por Gina Santos

Com sublime amor  
Que não se furtou à dor,  
O querido Jesus,  
Por ti, por mim,  
Se entregou, assim,  
À morte na cruz.

Essa dor que sofreu,  
Esse sangue que verteu,  
Ainda está a reclamar:  
«Eu comprei-te, ó pecador,  
E tu não me tens amor,  
Mas eu quero-te salvar».

Através do Evangelho,  
Sempre novo e sempre velho,  
Sua voz se faz ouvir.  
Convida, cheio de amor:  
«Volta para Mim, pecador,  
Eu quero-te redimir».

Um dia, que enfim virá,  
Sua voz se calará.  
Acabou-se a redenção!...  
Medita, ó pecador:  
Desprezas tu o amor  
Que te traz a salvação?



# A Bíblia na Literatura Portuguesa

por Ernesto Ferreira

A Bíblia ocupa um lugar de destaque na Literatura Portuguesa, o que permitiu ao grande orador Alves Mendes escrever com razão: «Suprima-se a Bíblia, e para logo ficará suprimida a bela, a elegante, a preciosa literatura portuguesa; ou despojada, pelo menos, dos seus mais esplêndidos atavios e das suas maiores e mais pomposas magnificências».

Não sei onde é que Garrett foi colher a informação de que D. Afonso Henriques já era assíduo leitor, ou antes ouvinte, da Bíblia. Mas existe uma passagem da *Monarquia Lusitana* (Liv. X, cap. 2), em que Fr. António Brandão nos apresenta o fundador da nacionalidade, apreensivo, nas vésperas de grande batalha, ouvindo o bispo de Évora ler-lhe as páginas do Livro: «E assim para divertir de algum modo aquela moléstia (que lhe causavam as coisas que trazia entre mãos) lançou mão de uma Bíblia Sagrada...».

Muito antes de ser inventada a imprensa, já D. João I, segundo Fernão Lopes, «fez a grandes letrados tirar em linguagem aos Evangelhos, Actos dos Apóstolos e Epístolas de S. Paulo». (Prol. da 2.<sup>a</sup> parte da *Crónica de D. João I*).

Introduzida a invenção de Gutenberg entre nós, o primeiro livro impresso seria uma parte da Bíblia, o Pentateuco, publicado em hebraico, em Faro, no ano de 1487. E o primeiro livro em português seria a tradução da Vida de Cristo de Ludolfo Cartusiano, que encerrava completo o Evangelho segundo S. Mateus e parte dos outros, e que veio a lume em 1495, a expensas de D. Leonor, esposa de D. João II. Por mandado da mesma rainha, então viúva, seria impressa em 1505 uma tradução de parte do Novo Testamento, de que apenas existe um exemplar na Biblioteca de Évora, com o seguinte título: «Autos dos Apóstolos. A Epístola de S. Tiago Apóstolo. As duas Epístolas de S.

João Apóstolo e Evangelista. A Epístola de S. Judas Apóstolo».

O próprio Camões, ao narrar a viagem de Vasco da Gama à Índia, presta eloquente homenagem à Escritura Sagrada. Tendo o régulo de Moçambique pedido ao grande piloto português que lhe apresentasse os livros da sua fé, este que, diga-se a verdade, se esquecera de levar a Bíblia na viagem, nem por isso se desconcertou, respondendo-lhe sem hesitar:

«...Deste Deus-Homem, alto e infinito,  
Os livros que tu pedes, não trazia,  
Que bem posso recusar trazer escrito  
Em papel o que na alma andar devia».

Até à Reforma a Bíblia foi sempre tida em lugar de honra. Depois, desde o Concílio de Trento, em meados do sec. XVI, até meados do sec. XVIII, a sua leitura em vernáculo esteve, como é sabido, proibida em toda a Igreja Católica.

No entanto, e apesar de entre os livros proibidos pelo S. Ofício se encontrar a Bíblia «em linguagem», nesta mesma época funcionou na Universidade de Coimbra a Cadeira de Sagrada Escritura, donde saíram alguns trabalhos de valor sobre a Bíblia, publicados em latim, não só em Portugal, mas ainda no estrangeiro. Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, apresenta cerca de 400 obras de autores portugueses desta época sobre a Bíblia. Este facto, por si só, dispensa quaisquer comentários.

Não queremos citar nomes, para não dar a estas linhas um cunho que não pretendem. Passando por alto a tradução do P. António Pereira de Figueiredo, realizada na segunda metade de setecentos, desejamos apenas apresentar alguns testemunhos de escritores do século XIX, cujos nomes são conhecidos por todos.

Assim, Almeida Garrett, no seu interessante volume *Portugal na Balança da Eu-*



ropa, depois de ter verberado a apostasia de muitos, lamenta: «Fez-se crime até da leitura dos Livros Santos, chamou-se sacrilégio o próprio estudo da lei de Deus! Ignorância crassa, estúpida, a maior inimiga do Cristianismo, incompatível com uma crença que eleva o espírito e exalta o coração: a ignorância foi feita virtude — virtude primeira e cardial da religião do Redentor!».

Alexandre Herculano de tal maneira apreciava o valor educativo da Bíblia que, acreditando sobre a reforma do ensino religioso nas escolas, era de parecer que «no ensino geral, tanto elementar como superior, se não admita mais do que um bom catecismo e a Bíblia». (*Opúsculos*, vol. VIII). Noutra altura, em *Composições Várias*, perguntava scandalizado: «Porque havemos de negar à Bíblia o crédito que não negamos a uma obscura e velha crónica? Rejeitá-la-emos porque nos fala das maravilhas de Deus?» A Bíblia, e em particular os Evangelhos, desejava ele que todos conhecessem: «Para o povo ser livre é necessário que seja religioso e honesto; não que seja crédulo. Para que seja religioso e honesto é necessário que conheça as doutrinas do Evangelho...» (*Opúsculos*, vol. I).

Não menos eloquente é o testemunho de António Feliciano de Castilho, em sua colectânea intitulada *Palestras Religiosas e Consolações*: «Cerraremos nesta hora todos os livros de profanidades, embora nobres, embora moralíssimos, e abriremos a Bíblia, — a Bíblia, o primeiro livro do mundo, assim na antiguidade dos tempos, como na alteza insondável das matérias; a Bíblia, não obra de um homem consumado, mas de muitos homens inspirados; ou antes: não obra de homens, senão escritura de Deus; história completa de todo o passado e de todo o futuro; arca de fé que tem sobrenadado a todos os dilúvios de pseudo-filosofias; estandarte, a cuja sombra caminham os povos para a civilização, e ante o qual se não envergonham de curvar o joelho os maiores sábios». (Vol. I, cap. 2).

E Camilo, esse pobre Camilo que nunca soube encontrar o norte para a agulha magnética do seu espírito irrequieto, não quis deixar de prestar rendida homenagem ao Livro dos Livros. «Sabeis que livro é este? A vós mesmos, cristãos que o sois pela vossa vida, o perguntamos — lestes o livro de Deus, onde cada linha parece escrita perante nós pela mão visível de um anjo, que

o Senhor nos envia, num instante de incerteza? Sabeis que esse monumento, com as suas bases do coração do homem, e o vértice no trono do Eterno, é ainda a voz do neto de Abraão que nos fala pela boca dos Seus discípulos?» (*Horas de Paz*, cap. 46).

De João de Deus refere Trindade Coelho, no prefácio de *A Cartilha Maternal e a Crítica*, que sempre que o visitava o encontrava com o mesmo livro em sua frente — a Bíblia. E conversando a esse respeito, afirmava o mimoso poeta, um dia, que a Bíblia «dizia tudo»; que os livros maus era melhor não os ler, e que dos bons, humanos, apenas tinha pachorra para ler algumas páginas.

O próprio Trindade Coelho era um grande entusiasta da Sagrada Escritura, como pode verificar-se pela leitura do seu *Manual Político do Cidadão Português* e da sua correspondência com Luísa Ey. Numa carta dirigida a esta escritora, escreveu: «Sabe que eu tenho muitas Bíblias: sobre a minha mesa, em todas as estantes, à cabeceira da cama, na sala de jantar, e até no Tribunal e ... no bolso? É a minha grande leitura».

São do poeta António Nobre os seguintes versos, do livro *Despedidas*:

«Sol de Junho, queima as minhas estantes,  
Poupa-me a **Bíblia**, Antero... e pouco mais!»

Regista Raul Brandão (*Memórias*, vol. I) que este melancólico bardo, todo ele obcecado pelo pensamento da morte, manifestara o desejo de levar na caixa a cabeça reclinada sobre uma Bíblia.

Eça de Queirós, recordando com saudade o tempo em que passara por Coimbra, com Antero de Quental, descreve-nos os seus quartos de estudantes, de extrema pobreza e simplicidade, a mesa de pinho a um canto, e, sobre ela — quem diria? — uma Bíblia. (*Notas Contemporâneas*).

Conta uma conhecida atriz, nas suas memórias, que um dia pedira a Guerra Junqueiro uma lista de livros que melhor a orientassem como escritora. O poeta apresentou-lhe uma breve lista, à frente da qual... os Evangelhos!

Estes, e tantos outros testemunhos que poderíamos lembrar, nos dizem eloquentemente do alto apreço em que os nossos melhores escritores tiveram a Bíblia.

É-nos sumamente grato terminar estas linhas com as palavras de um sacerdote,



# Perigos das bebidas alcoólicas



## O PERIGO DO CACHIPEMBE

Em 1957, perto de Sacambuta, um homem foi um dia preparar batata doce com o fim de fabricar cachipembe.

Com sua esposa, levando panelas e cabaças, dirigiu-se ao local destinado a esse efeito. Acenderam um grande fogo, e numa grande panela puseram a massa de batata.

Depois de fabricarem algumas cabaças de cachipembe, cada um deles começou a beber, e dentro em pouco começaram a fazer barulho. O homem foi contra sua mu-

que foi um dos espíritos mais cultos e uma das penas mais aparadas do Catolicismo em Portugal nos últimos tempos. Ao concluir o discurso proferido no Congresso Antoniano realizado em Lisboa em 1895, e publicado em opúsculo com o título *A Sagrada Bíblia*, o Padre Sena Freitas fazia o seguinte apelo: «Vou terminar, repetindo-vos mais uma vez: Tomai-me a Bíblia e lêde-a. Desprezá-la, esquecê-la, deixá-la dormir nas estantes das livrarias debaixo de um lençol de pó, é esquecer, é desprezar a base histórica de todo o dogma católico, é cerrar os ouvidos à voz desse verdadeiro fonógrafo divino, que nos tem conservado até hoje as vibrações do coração de Deus. Demos-lhe entrada franca em nossas casas, deitemos-la sobre a mesa do nosso quarto de estudo, compulsemos-la amiúde e saboreemos essa iguaria tão variada quanto deliciosa, condimentada no Céu para pasto dos filhos da Terra».

lher, pegou-lhe pelo pescoço e apertou-a de tal maneira que ela expirou.

Depois o homem pensou o seguinte: «Vou deitar em cima do seu corpo a massa quente da panela e puxá-la para o pé do fogo, de maneira que qualquer pessoa que venha diga que ela mesma caiu no fogo».

Assim fez, e quando vieram as primeiras pessoas perguntaram ao homem o que se tinha passado.

E começou a mentir, mas não acreditaram nele, apanharam-no e chamaram outras pessoas e todas diziam que foi ele que matou a sua mulher.

Era na altura do Congresso, que esse ano se realizou em Caringo. Ali estava também o Pastor A. Casaca, que foi ver e teve muita pena da mulher.

Depois o homem foi levado para a Administração do Concelho de Caconda, e dali foi sofrer o castigo dos desobedientes.

Paulino Samuel

## O ÁLCOOL ARRUINA MUITAS VIDAS

Certo dia, encontrei uma criança de dois anos de idade pedindo a seu pai que lhe arranjasse cachipembe para beber. O costume de alguns africanos é, quando alguma criança chora, dar-lhe alguma espécie de bebida alcoólica para a consolar. Dizem que quando ela fica embriagada, então dorme. Finalmente quando a criança cresce já tem formado esse hábito incorrigível.



Um homem partiu alegremente, de manhã, para a vila de Cuma. Quando ali chegou começou a beber copos de vinho, e assim bebeu por todo o dia. À tarde, muito embriagado, resolveu voltar para a aldeia.

No caminho, começou a titubear e, caindo no mato, dormiu onde havia muito capim. Era no tempo seco. Quando veio o fogo, passou por ele, queimou-o e ele morreu. Lá diz o ditado umbundo: «A caça que procura também te procura».

\*\*\*

Um dia assisti à sentença de um homem chamado Silvestre, na regedoria do Sr. Regedor Venâncio da Silva Lambo. Disse o Silvestre: «Eu levava 2.500\$00. Quando bebi o vinho com o meu companheiro, ele tirou-me o dinheiro sem que eu desse por isso».

De facto, o Silvestre primeiro dormiu na estrada, depois foi dormir para casa do companheiro. Finalmente não soube quem lhe tirou os 2.500\$00.

Quando falei com ele disse-me: «Nunca mais volto a beber vinho».

Disse o sábio Salomão: «O vinho é escarnecedor e a bebida forte alvoraçadora; todo aquele que neles errar nunca será sábio». Prov. 20:1.

\*\*\*

Um homem, depois de beber, entrou em sua casa, acendeu o candeeiro, colocou-o perto do mosquitoireiro e adormeceu. Passado pouco tempo, o fogo do candeeiro pegou-se ao mosquitoireiro e deste passou a toda a casa. A casa ficou queimada, e com ela o homem.

Hoje muitas pessoas estão a arruinar as suas vidas por causa das bebidas.

Prezados irmãos leitores, se queremos ir para o céu com Cristo, então fujamos de todas as bebidas alcoólicas.

*Boaventura Venâncio*

## **BEBEU ÁLCOOL DESNATURADO**

Certo dia apareceu na nossa aldeia um homem que dizia ser enfermeiro. Esse homem

andava pelas aldeias com uma pasta, na qual havia muitas ampolas e comprimidos. E assim aplicava injeções e dava comprimidos a qualquer que encontrasse doente, a troco de dinheiro.

Na nossa aldeia temos uma loja com autorização para vender alguns medicamentos, e ali ele comprou dois copos de álcool desnaturado e bebeu.

Saindo da loja, depois de descer o último degrau, caiu embriagado e ficou deitado como morto, sem poder mexer-se. Custava a acreditar aos que passavam perto que ele estivesse ainda com vida, mas quando se aproximavam mais viam que respirava com grande custo.

Passado pouco, começou a chover fortemente. Ele não podia mexer-se apesar de toda aquela chuva. A água, em enxurrada, vinha parar ao peito dele, e ele nem sentia.

Quando cessou de chover, outro comerciante, com pena, aplicou-lhe duas injeções para o despertar.

Pouco tempo depois, despertou. Depois de recuperar a força, o tal comerciante que o fez despertar pediu-lhe a importância das duas injeções. O homem não aceitou pagar, nem acreditou que lhe tivessem sido aplicadas as injeções.

Não pagou, saiu furioso e foi-se embora. E assim o que sentiu pena dele perdeu o dinheiro.

Vede então o que diz o rei Salomão, em Provérbios 23:31-35:

«Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoia suavemente. No seu fim morde-rá como a cobra e como o basilisco picará. Os teus olhos olharão para as mulheres estranhas e o teu coração falará perversidade. E serás como o que dorme no meio do mar, e como o que dorme no topo do mastro. E dirás: Espancaram-me e não me doeu; bateram-me, e não o senti».

*Moisés Samuel*

## **Visado pela Censura**



# Histórias Africanas



## O Feiticeiro que se Tornou Colportor

Kintendamamba era um famoso feiticeiro, cuja fama se estendia até muito longe. Proclamava ter ligação especial com os espíritos desligados dos mortos. Seguiu essa prática por muitos anos, tendo herdado a feitiçaria de seu pai. Um dia ficou seriamente doente. Durante um mês inteiro permaneceu na sua cubata. Os clientes vinham visitá-lo, mas ele não podia atendê-los. Quando a febre o deixou, estava paraplético das pernas. Experimentou muitas vezes deixar a cama, mas as pernas não obedeciam.

Uma noite, enquanto dormia, foi despertado por uma voz que o chamava, dizendo-lhe que Deus tinha um trabalho para ele fazer. Então tudo ficou em silêncio novamente. Na noite seguinte outra vez ouviu a voz que lhe dizia que Deus o estava chamando para fazer um trabalho especial para Ele. Disse-lhe que abandonasse a feitiçaria e fosse até à Missão de Songa. Ficou transido de medo, pois sentiu algo sobrenatural. Chamou sua esposa favorita e perguntou-lhe se tinha ouvido a mensagem, porém ela não ouviu. Então disse-lhe que acendesse uma lanterna pois devia obedecer imediatamente. Arrastou-se através da cubata até um canto onde guardara os seus acessórios de feitiçaria. Ao lançar mão daquelas coisas, sentiu que havia energia em suas pernas, e firmando-se foi capaz de ficar em pé. Rápidamente agarrou os instrumentos de sua profissão e saiu para trás da cubata e, cavando à beira do mato um buraco profundo, atirou os artigos um por um e para sem-

pre enterrou esta parte do seu passado.

Quando chegou à Missão de Songa, falou ao pastor africano dos acontecimentos das duas noites anteriores. O pastor não podia crer, de modo que o levou para o director. Ninguém podia crer que o famoso feiticeiro tivesse realmente abandonado a sua prática. Mais tarde matriculou-se na Classe de Ouvintes, com outros da sua povoação que trouxera para o Senhor. Dois anos depois foi baptizado com alguns destes. Mudou o seu nome para João.

Tornou-se colportor-evangelista efectivo. Durante oito anos tem servido fielmente nesse trabalho. Há dois anos atrás, ele só, vendeu mais livros em valor do que todos os outros colportores da União do Congo juntos.

Poucos meses atrás, carregou a sua bicicleta com livros e dirigiu-se para três povoações distantes. Próximo de uma dessas povoações há uma famosa colina assombrada. Os nativos daquelas povoações diziam que havia muitos espíritos ocupando aquela colina, de maneira que nenhum nativo ousara alguma vez subi-la. Alguns meses antes dois oficiais do governo em serviço de exploração não foram capazes de atingir o cume, devido a ataques de enxames de vespas, cobras e búfalos enfurecidos.

João foi ao chefe da povoação maior, pedindo autorização para vender durante alguns dias naquela localidade. A autorização foi recusada. Foi a cada uma das outras povoações, mas foi recebido de igual

*Continua na pág. 14*



# Através da Seara de Angola

## Batismo de Catoma e Angelina Chova

A aldeia de Lino teve conhecimento do Evangelho por altura da Campanha de 1959. Os costumes deste povo são muito diferentes dos de outras terras. Entre eles reinam a feitiçaria e as bebidas alcoólicas.

Entre as pessoas que vieram ouvir os estudos bíblicos, encontrava-se Catoma, velhinha de cerca de 78 anos de idade. Nessa altura, adorava os ídolos e oferecia sacrifícios aos mesmos. Costumava tratar crianças de outras mulheres, a fim de lhes tirar os demónios.

No decurso desta Campanha não aceitou a mensagem, mas a semente não permaneceu infrutífera.

Quando em 1964 se realizou outra Campanha, Catoma começou a manifestar bastante interesse. Chamou então uma outra mulher da mesma idade, tal como Filipe fizera com Natanael.

Senti grande admiração quando vi as duas velhas chegarem a minha casa, trazendo os seus ídolos e os certificados da sua primitiva igreja.

Foi com grande alegria que as vi, mais tarde, descerem às águas baptismas, dando testemunho do Evangelho que receberam.

Caros leitores, não vos esqueçais de orar pelo trabalho de Além-Cunene entre as tribos umbundo, quioca e nyemba. Salmo 126: 5, 6.

*José Fernando Isaías*

## Como Dumba aceitou a Mensagem

Dumba é uma aldeia muito grande, que pertence ao Posto Administrativo de Dumbi, Conselho de Cassongue, Distrito de Cuanza-Sul.

Quando ali cheguei em 11 de Outubro de 1963, nenhum dos seus habitantes conhecia a mensagem adventista. E não gostavam da Igreja Adventista, porque diziam que esta, entre outras coisas, proibia comer carne de porco e beber vinho.

No primeiro Sábado não veio nenhuma pessoa e assim se passaram mais quatro Sá-

bados. Finalmente veio uma mulher, chamada Florinda, cujo marido é seculo da aldeia e cujo pai é um grande soba, que manda naquela área, o qual também não gostava da nossa fé. Ao acabar a reunião, aquela mulher manifestou o desejo de continuar a ouvir.

Passados alguns dias, o catequista foi-se queixar ao seu dirigente e este, por sua vez, levou o assunto ao Sr. Chefe do Posto. Mesmo assim, aquela mulher continuou sempre a vir nos Sábados e nas outras reuniões semanais.

Vendo que ela não deixava a sua nova fé, o marido foi ter com o sogro, para a impedir de continuar a vir. Mas tudo em vão. Finalmente, depois de ter passado pelas Classes de Ouvintes e Baptismal, Florinda foi baptizada.

Alguns dias depois, ouviu o soba que sua filha tinha sido baptizada, e resolveu assistir também às reuniões. E até hoje continua, e está a dar os seus dízimos e ofertas.

Agora converteram-se todos os seus filhos e irmãos, e esperamos que durante este ano, se o Senhor quiser, será baptizado o próprio soba e os filhos. Agora a Florinda, ao ver converter-se o pai e os irmãos, está muito contente.

Este ano temos o plano de aumentar a igreja, porque cada Sábado vêm muitas visitas de aldeias próximas para assistir aos cultos.

Esperamos nas vossas orações para que o Senhor abençoe a Sua Obra aqui.

*Nicolau Cauvalende*

## A Cura de Luísa Daniel

Luísa Daniel era uma menina que vivia na aldeia de Canda (Luso).

Certo dia, a mãe desta menina resolveu ir à cidade fazer as suas compras e deixou a sua filha na aldeia.

Ao regressar da cidade, encontrou a sua menina deitada no caminho. Procurou despertá-la, mas ela estava meio morta.

Depois de a levar para sua casa, a mulher correu ao quimbanda, pedindo-lhe para curar a sua filha. Quando o quimbanda che-



gou, já de noite, nada conseguiu fazer pela menina.

Na manhã seguinte, o quimbando também nada conseguiu fazer, e assim a família foi chamar outro quimbando para serem dois. Mesmo assim nada fizeram.

Como os gentios têm sempre a sua confiança nos quimbandas, e estes nada puderam fazer, todos concordaram que a menina ia morrer.

Depois de os quimbandas se terem ido embora, o Pastor Elias Manuel, o Ir. Bernardo Tito e eu fomos ver a doente. Lembrámo-nos do texto que se encontra em Tiago 5:14-16. Pusemo-nos de joelhos e orámos ao nosso Deus para que a menina recuperasse a sua vida, como Jesus fizera ao filho da viúva de Naim. Depois da oração, mandámos buscar água quente para lavar a menina. Depois da lavagem, a menina começou a mexer-se e a chorar. Ao mesmo tempo correu uma pessoa a casa, para buscar leite para a doente beber.

O Espírito de Deus com certeza esteve connosco. Aplicámos-lhe uma injeção de óleo canforado. Com a ajuda de Deus a menina ficou sã e toda a gente se maravilhou do nosso Deus.

Desde aquele dia os membros da família daquela doente tornaram-se membros da Escola Sabatina de Canda. Agora são membros da Igreja.

Esperamos que Luísa venha a ser um dia uma dona de casa de um obreiro, para trabalharem juntos na Causa de Deus.

*Guilherme de Almeida*

#### **Flora Lusinga**

Esta menina sofreu muito quando conheceu Jesus como seu Salvador.

Sua mãe era muito cruel e não queria deixá-la guardar o Sábado. E cada Sábado destinava-lhe trabalho, para não ter tempo de assistir à Escola Sabatina; mas ela fugia de manhã para a Escola Sabatina e à tarde quando voltava para casa a mãe não lhe dava de comer. Às vezes batia-lhe para não fugir mais; mas sempre a Flora tinha a coragem de não faltar à Escola.

Mais tarde a mãe resolveu entregá-la a um rapaz católico, para casar com ele.

Flora veio ter comigo, perguntando o que devia fazer. Eu resolvi mandá-la para a Missão do Bongo.

Quando a mãe ouviu que ela tinha fugido para a Missão, ficou muito zangada contra mim.

A Flora ficou na Missão dois anos, sem nunca ter voltado à aldeia. Depois de estudar a doutrina foi baptizada. Podia então cantar o hino que diz: «Mui triste eu andava sem gozo e sem paz, mas eu hoje tenho alegria eficaz».

Depois de ter passado três anos no Bongo, resolveu visitar a Mãe para ver se ainda estava zangada com ela.

Quando a mãe viu a sua filha tão transformada, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, pedindo perdão pela oposição que antes tinha feito, e recebeu-a com grande alegria.

A bíblia diz: «Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé». S. João 5:4.

Assim a Flora Lusinga, sem recear o sofrimento, ganhou a vitória.

*Esaías*

### **O Feliceiro que se tornou Colporteur**

*Continuação da página 12*

maneira. Então decidiu que provaria àquele povo pagão que cria num Deus que é muito mais poderoso do que todos os seus espíritos juntos. Anunciou ao chefe que em vista de não ter um lugar para dormir na povoação, subiria até ao topo da colina e dormiria numa grande pedra no cume. O chefe e o povo pensaram que estivesse louco, mas João não estava. A notícia correu rapidamente através das aldeias de que um poderoso homem de Deus tinha desafiado os espíritos e estava dormindo no cume da colina. A fogueira que ele acendeu na grande pedra foi a prova conclusiva para os aldeões de que tinha subido. Na manhã seguinte foi recebido de braços abertos. Gastou uma semana nas três povoações e vendeu seus livros em cada uma delas.

Só num ano ganhou 51 preciosas almas para o Senhor.

*L. C. Robinson*



# Notícias do Campo

## Dr. David J. Parsons

No dia 30 de Maio, partiu para os Estados Unidos, onde se demorará cerca de três meses, o Dr. David J. Parsons, acompanhado de sua Esposa e Filho.

## Dra. Maria Teresa Cotta David.

Vinda de Lisboa, chegou em 13 de Junho ao Bongo a Dra. Maria Teresa Cotta David, que ali trabalhará no Hospital durante alguns meses.

## Pastor Américo J. Rodrigues

Acompanhado de sua Esposa, embarcou, no dia 16 de Junho, em Moçâmedes, com destino à Metrópole, onde passará alguns meses, o Pastor Américo J. Rodrigues.

## Escola Primária de São Tomé

As actividades da Mocidade Portuguesa na Escola Primária de São Tomé teterminaram

ouro todos os esforços por erguer bem alto a nossa Fé, educando criancinhas desta Província.

Talvez a alguns interesse ver umas fotografias da representação, e também gostem de conhecer a letra do alegre e animado cântico composto há cerca de vinte anos atrás por nossos primeiros missionários. Aqui têm!

### HINO DA ESCOLA DE SÃO TOMÉ

São Tomé, ó linda Ilha  
Do Império Português!  
Desperta, também és filha  
Deste mundo que Deus fez.

### Coro

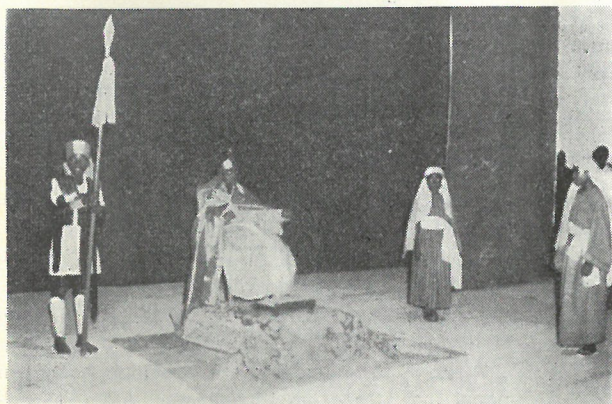
São Tomé, tu és a mais linda  
Das do Golfo da Guiné;  
Por Cristo podes ainda  
Erguer bem alto a Sua fé!

Teu patrono não imites  
Na sua falta de fé;  
Mas será bom que medites  
Na vida de S. Tomé.

Tu já gozas privilégios  
Que outras ainda não tem,  
Que os descobridores egregios  
Trouxeram da Pátria Mãe.

É à doutrina de Cristo  
Que deves o teu valor;  
Sê sempre obediente  
À voz do teu Redentor!

João I. Chaves



S. Tomé—A Sentença de Salomão—2.ª Cena

com êxito e contentamento geral para todos os nossos alunos e professores.

No dia que encerrou as actividades do ano, os diversos Centros da M. P. de São Tomé levaram a efeito um programa cultural. O Centro n.º V da Missão Adventista ofereceu ao público a representação muito aplaudida da «Sentença de Salomão» e um coro de 21 alunos, todos devidamente uniformizados, que cantou um velho cântico desta Missão agora ligeiramente adaptado na letra e na música, a fim de poder ser cantado para uma assistência que incluía desde Sua Excelência o Governador da Província até aos humildes mas felicíssimos pais dos alunos que actuaram e que só assim conseguiram o tão racionado bilhete de entrada.

Rendermos muitas graças ao Senhor por termos podido fechar com chave de



S. Tomé—A Sentença de Salomão—3.ª Cena



## Convenções do Campo Missionário do Bongo

Antes de começarmos com as convenções deste ano, procurámos obter primeiramente a autorização das autoridades civis dos conceelhos administrativos da Caala e Canda. Graças a Deus tivemos pleno consentimento da parte das referidas autoridades.

Todas as reuniões tiveram calorosa assistência de crentes e de não-adventistas. E assim, para darmos uma vaga ideia das nossas reuniões, transcrevemos a seguir alguns dados estatísticos:

### Lugar da reunião    Presenças    Dedicções

|                   |     |    |
|-------------------|-----|----|
| Chila—Chilata     | 531 | 95 |
| Chupa—Catata      | 350 | 16 |
| Mandi—Cuima       | 390 | 11 |
| Cachindongo—Cuima | 343 | 28 |
| Salundo—Catabola  | 753 | 57 |
| Lupili—Caala      | 360 | 31 |
| Cassuia—Catata    | 563 | 26 |
| Caluquembe—Cuma   | 486 | 13 |

Em todas estas reuniões foram levantadas as ofertas voluntárias que o povo entregou ao Senhor.

As reuniões foram assistidas com bastante interesse, e o Espírito do Senhor esteve presente, pois do princípio ao fim tudo decorreu num ambiente verdadeiramente cristão.

Nas duas últimas convenções, as reuniões de despedida constaram de testemunhos. Muitos irmãos mostraram o seu amor pela Mensagem e relataram como se converteram ao Senhor. No próximo número do Boletim apresentaremos alguns desses testemunhos.

**Isaque D. Tadeu**

### **Convenção para Dirigentes da Escola Cristã de Férias**

A importância que a Escola Cristã de Férias está tendo no evangelismo juvenil, dentro da Igreja Adventista, já o ano passado se refletiu em algumas das Igrejas de Angola.

No ano de 1966, mais de 300 crianças frequentaram essas escolas em 4 igrejas adventistas de Angola.

O plano estabelecido no nosso Conselho anual é de repetir tal actividade agora em todas as igrejas europeias. Assim com o fim de traçar alguns planos para isso reuniram-se em Nova Lisboa, de 14 a 17 de Junho, algumas Irmãs, vindas da maior parte das Igrejas europeias.

O plano de trabalho incluía: organização da E. C. F., propaganda, trabalhos manuais, hinos, programas, etc. Durante 3 dias, comple-

tamente cheios de actividades, se passou em revista tudo o que será útil pôr em actividade para entreter as crianças, e acima de tudo para as levar aos pés de Jesus. As crianças necessitam de actividades físicas, de actividades manuais e elas ocupam a maior parte do programa, mas, embora as actividades espirituais devam ter a sua parte especial, todas as outras devem reflectir o espírito do cristianismo.

Colaborou nesta convenção a Ir. Arline Hermanson e tomaram parte as Irmãs Irene Ferreira, Ivone Rodrigues, Milca Morgado e Adelaide Marinheiro da Igreja de Nova Lisboa, Amelia Sincer, do Lobito, Isabel Dias, de Benguela, e Sonia Costa, de Luanda.

**J. A. Morgado**

## A Obra Adventista em Madagáscar



O primeiro contacto conhecido de Madagáscar com a mensagem adventista data de 1917, mas os primeiros quatro

baptismos realizaram-se apenas em 1927.

No fim de 1964 havia nesta ilha 82 igrejas, com 3 754 membros baptizados.

A obra de educação tem desempenhado um papel importante em Madagáscar. Além do Colégio Adventista de Soamanandrany, a seis quilómetros de Tananarive, com o curso secundário e teológico, onde estudam cerca de 500 alunos, há mais duas escolas de preparação de obreiros: a de Ankazambo, na costa ocidental, e a de Ambatoharamana, na costa oriental.

A obra de publicações, dispondo de uma boa tipografia, tem desde o início posto a circular a nossa literatura em francês e em malgache.

Desde 1946, a mensagem tem sido igualmente proclamada pela rádio nestas duas línguas.

O Estado quis prestar homenagem à obra adventista, emitindo o selo postal da igreja de Tanambao (Tamatave), que reproduzimos na gravura que acompanha estas linhas.

Esperamos poder fornecer blocos de quatro selos iguais, por 7\$50 o conjunto, a todos quantos nos façam a encomenda.